

Um incômodo consenso: estudo de caso sobre *Elaenia*

ISSN 1981-8874



Fernando C. Straube¹

Não há como discordar: a identificação das aves é fruto de um acordo tácito, parcial e submisso. Dar um nome científico a uma espécie observada nada mais é do que seguir uma cartilha, um tipo de beabá taxonômico raramente reavaliado e menos ainda contestado. Pega-se um livro, ou dois, nota-se que a aparência geral da ilustração se aproxima daquele ser monocromático que acabamos de ver por alguns segundos e pronto: a conclusão está tomada e fim de conversa!

Só que muitas vezes, um pequeno engano acaba sendo repetido e praticado por anos, décadas e até séculos a fio. Essa condição fica ainda pior se pensarmos que a Ornitologia se tornou uma ciência audiovisual, onde pouco se estuda além das fotos e sons franqueados por sites especializados e de resumos mostrados nos guias de campo e suas “*field marks*”. Parece que o grande desafio está em distinguir um tipo de outro, dando-lhe uma indefectível denominação latina. É esse assunto que abordo aqui, pensando primariamente em alertar os ornitólogos e observadores de aves sobre os caminhos que temos tomado. E, ainda, sobre a passividade que nos abateu aos poucos.

É vício contagiante o fato de agirmos quase como religiosos ao acatar cada linha dos poucos *sites* ilustrados que temos disponíveis. Raramente analisamos exemplares de museus ou buscamos literatura de verdade, livros e artigos. E quando o fazemos, optamos pelos mais recentes, mas somente aqueles escritos em língua portuguesa ou inglesa – raramente espanhola, não obstante os outros países latinos pratiquem Ornitologia de excelente qualidade. Graças a isso, aceitamos e replicamos o parecer dos papas, criando um sistema geográfica e intelectualmente hermético e encistado.

Mas quero ir um pouco mais além – ou melhor, aquém – cronologicamente falando. Gosto do assunto, porque nos desperta para a importância de se avaliar constantemente o que eu chamo de “erros de base” que, neste caso em particular, eu chamaria



Figura 1. Uma *Elaenia* verde: você se arriscaria a identificá-la? (Foto: Sergio Gregorio).

de “dúvidas de base”. São quase sofismas: algo inaceitável para muitos que não vêem (ou não admitem) qualquer relação entre a ciência e a religião. Como os dogmas, elas são afirmações (não necessariamente falsas e aparentemente corretas) que se perpetuam sob um fundamento inconcluso que é contrário às próprias leis.

Parte desse assunto chegou a ser recentemente abordado por Arthur Macarrão (2012) em uma brilhante intervenção ou, digamos mais, um ótimo exercício de reflexão. Pelo que percebi, esse artigo foi muito menos lido, absorvido e comentado do que mereceria, embora ele exponha claramente algumas mazelas que nos acompanham o tempo todo, especialmente quando tentamos dar nomes científicos às aves, como se isso fosse o fim de toda a Ornitologia praticada no planeta.

Lamento se vou tocar de novo na ferida que por nossa culpa ainda não cicatrizou e que se mantém desde muito antes do lamento de Olivério Pinto, nos anos 40. Propositadamente vou repetir uma frase já lida tantas vezes: “um dos maiores problemas

“Ainda que se disponham de amostras autênticas para confronto, a determinação exata dos exemplares de certas formas, extraordinariamente semelhantes e sujeitas a variações, é verdadeiro quebra-cabeças até para os mais experientes, que nunca poderão gabar-se de chegar sempre a conclusões plenamente satisfatórias” (Olivério Pinto 1944:272).

para a identificação das aves brasileiras inclui as espécies do gênero *Elaenia*". Só nos falta declamar: "Em nome do Pai, do Filho (etc.)", baixando a cabeça e aceitando tudo o que aquele deus mitológico nos legou, sem qualquer reclamação. A verdade é que estamos identificando *Elaenia* pelo consenso, sem sequer tentar descobrir se – de fato – o temos feito de forma correta.

Escolhi aqui duas espécies que me são familiares há várias décadas, ou seja, as ditas *Elaenia* "verdes": *E. mesoleuca* e *E. parvirostris*. Enfoquei-as especificamente por que são pássaros vistos com regularidade na cidade em que moro mas, também, porque foram alvo de estudos que realizei nas mais importantes coleções brasileiras, bem como inúmeras bibliotecas institucionais, desde o ano de 1985.

E agora a inevitável pergunta: "– Se estudou tudo isso e, com base em tanta informação, por que não publicou seus resultados, resolvendo de uma vez por todas uma parte do problema?". A resposta estará nesse ensaio e, se nele não ofereço nada conclusivo, pelo menos me sinto aliviado por ter usado o caso como exemplo para que os estudiosos, observadores de aves e fotógrafos repensem suas atitudes. O objetivo aqui, então, é estimular a nossa autocrítica, por meio de um exemplo que mostra claramente o quanto ainda temos de caminhar para resolver certas pendências que têm sido proteladas ao longo dos tempos, por pura comodidade.

Vou começar com um pouco da história envolvida na descrição das duas espécies – e o leitor logo perceberá que é assunto importante! Em seguida, apresento os argumentos com os quais distinguimos uma espécie da outra, primeiro usando alguma literatura mais antiga, depois a mais recente. Trato das duas espécies isoladamente, mesmo que quase todas as obras que incluem *Elaenia*, mostrem comparações alegadamente diferenciais entre elas e não a desejada descrição independente – o que já começa a nos alertar sobre o problema que teremos pela frente: bananas não são maçãs porque não são vermelhas. Mas como é uma banana afinal?

A descrição original de *Elaenia mesoleuca*.

Confesso que não consegui acesso à descrição original de *E. mesoleuca*, nem por meio da internet, nem pelas várias tentativas de solicitação a vários pesquisadores do Brasil e exterior. Mas tenho uma desculpa convincente: trata-se de uma obra consultada por pouquíssimos estudiosos e, de acordo com as palavras de Erwin Stresemann, "deve ser um dos itens mais raros em toda a literatura ornitológica" (Rossem 1934: 351).

As bases (repito: as bases) para sua descrição original são atribuídas a Ferdinand Deppe (1794-1891), um explorador e naturalista berlinense que ficou conhecido pelas viagens que fez ao México, na terceira década do Século XIX entre 1825 e 1830. São relacionadas a seu legado a descrição de outras duas espécies válidas que ocorrem no Brasil: *Buteogallus anthracinus* e *Basiluleterus culicivorus* e várias outras daquele país norte-americano (para revisão, vide Stresemann 1954).

A sua primeira expedição foi realizada entre 1825 e 1826 e, dela, o naturalista trouxe quase um milhar de peles de aves, representando 315 espécies, além de um considerável número de mamíferos, répteis, anfíbios, peixes, moluscos e milhares de insetos (Stresemann 1954). Esse material foi integralmente comprado pelo museu de zoologia da universidade de Berlim, visto a qualidade da preparação e sua importância biogeográfica. Não por acaso Deppe é considerado um dos primeiros contribuidores da Ornitologia mexicana, compartilhando essa posição com Alexander von Humboldt e William Bullock (Navarro-Sigüenza *et al.* 2008).

Logo ao voltar de viagem, e pelos expressivos resultados obtidos, Deppe pensava alto. Esperava que seu trabalho seria ao menos valorizado e que poderia ser contratado em um cargo estável nalguma instituição da Prússia, mas isso jamais aconteceu. Desanimado, resolveu empreender outra viagem ao México, agora na companhia de seu amigo botânico Wilhelm Schiede, pensando em coletar mais espécimes de plantas e animais, os quais seriam vendidos a museus europeus, como forma de sobrevivência, uma prática comum naquela época. Em julho de 1828 chegam a Jalapa (capital do estado de Veracruz, no litoral atlântico meridional do México) e, a partir dessa cidade, realizam diversas viagens com o propósito assumido.

Mas parece que os planos não funcionaram como previsto. O curador do museu de Berlim, Martin Hinrich Carl Lichtenstein, embora os tivesse ajudado a vender alguns itens, não mais pode sustentar a parceria comercial, de forma que a expedição, e seus objetivos, malograram, exigindo o retorno de ambos em 1830.

Percebendo os problemas financeiros de Ferdinand, Wilhelm Deppe – seu irmão mais novo, que ocupava na época o cargo de escriturário do museu de zoologia – resolveu imprimir uma lista de espécimes que se encontravam à venda, visando agilizar a sua divulgação e comercialização entre museus da Europa. Segundo Stresemann (1954), a autoria, local e data de publicação é mencionada explicitamente no documento original "Berlin 1st September 1830. W. Deppe".

O título original dessa publicação é "Preis-Verzeichniss der Saugehiere, Vögel, Amphibien, Fische und Krebse, welche von den Herren Deppe und Schiede in Mexico gesammelt worden, und bei dem unterzeichneten Bevollmächtigten in Berlin gegen baare Zahlung in Preuss[en]. Courant zu erhalten sind", ou seja, "Catálogo de preços de mamíferos, aves, anfíbios, peixes e crustáceos coletados pelos senhores Deppe e Schiede no México e que podem ser adquiridos em Berlim dos representantes abaixo assinados mediante pagamento, em espécie, em Courant prussianos".

Nesse documento, Deppe menciona várias aves e seus respectivos preços, associando (eventualmente) aos nomes científicos uma breve descrição de coloração. Uma delas é "*Muscicapa mesoleuca* Lichtenst.": "Graugrünlich, mit weisslicher Kehle und Dergl[eichen]. Bauch." ("Cinzenta esverdeada, com a garganta esbranquiçada, tal como a barriga") (Figura 2).

97.	<i>Muscicapa</i>	Pitangua	Mus. Berol.	Lanius Pit.	Lin.	2
98.	"	<i>despotes</i>	Mus. Berol.			1
99.	"	<i>cayanensis</i>	Lin.			1
100.	"	<i>Phoebe</i>	Lath.			1
101.	"	<i>obsoleta</i>	Lichtenst.			1
102.	"	<i>ferox</i>	Lin. Gml.			1
103.	"	<i>larvata</i>	Lichtenst. Schwarz.	Kopf braun, Brust und Bauch schön roth, die äussern Schwanzfedern weiss.		1
104.	"	<i>coronata</i>	Lin. Mas.			2
105.	"	"	Fem.			1½
106.	"	<i>virens</i>	Lin.			1
107.	"	<i>mesoleuca</i>	Lichtenst.	Graugrünlich, mit weisslicher Kehle und dergl. Bauch.		1
108.	"	<i>atrata</i>	Lichtenst. Ma s.	Dunkel schwarzgrau. Bauch weiss.		2

Figura 2. Reprodução da descrição original de *Muscicapa mesoleuca* (W. Deppe 1830 [1863]), no editorial do *Journal für Ornithologie* (1863).

Exato! A descrição original de um dos maiores problemas da Ornitologia neotropical é somente essa e aparece em um simples catálogo de preços de animais oferecidos a alguma coleção que se dispusesse a pagar pelos valores ali estipulados. E mais: sua autoria é consignada a uma pessoa que não tinha qualquer víncu-

lo com a Ornitologia, ou seja, o escriturário Wilhelm e não o seu irmão, o naturalista Ferdinand Deppe.

Em 1863, o editor da revista *Journal für Ornithologie*, Jean Louis Cabanis, resolve reimprimir esse documento (Deppe 1830 [1863]), uma vez que (já raríssimo) mostrava implicações importantes para a taxonomia de aves. Ocupa, para isso, sete páginas, com a seguinte observação de abertura (posta entre colchetes, para mostrar que se tratava de intervenção, e não de um texto que constava no original):

[Auf mehrfachen Wunsch geben wir hier den Abdruck einer seltenen Druckschrift, welche für die Priorität mancher mexikanischen Vogelart von Wichtigkeit ist. Das Lichtensteinsche Verzeichniss ist auf 3 Quartseiten enthalten, deren jede in 2 Spalten getheilt ist. Der Druck ist dem Originale annähernd ähnlich wiedergegeben. Eine Kritik der neuen Arten, nach den Typen des Berliner Museums, wird in einem späteren Hefte dieses Journals geliefert werden. D. Herausg.]

“Por solicitação popular, apresentamos a [re]impressão de um documento raro, que é de fundamental importância para algumas espécies de aves mexicanas. O catálogo de Lichtenstein está incluído em três páginas, cada qual se encontra dividida em duas colunas. A impressão está aproximadamente semelhante à que foi originalmente reproduzida. Uma crítica das novas espécies, de acordo com os tipos do Museu de Berlim, será entregue em números posteriores deste jornal. O editor”.

Acontece, como aliás se pode perceber pelo texto aqui transcrito, que Cabanis – mesmo ciente da autoria do documento a “Wilhelm Deppe”, atribuiu-a implicitamente a Lichtenstein, na época curador da coleção zoológica do museu de Berlim (vide adiante). Isso aconteceu porque, no original, Deppe endereçara algumas autorias a ele (como também a outros como Linnaeus e Gmelin), muito embora não houvesse nenhum tipo de descrição formal produzida. Assim, quando da produção da reimpressão, ele acabou intitulando-a “*Lichtenstein's Preis-Verzeichniss mexicanischer Vögel etc. vom Jahre 1830*”, ainda que no próprio corpo do catálogo (*verbatim*), conste autoria expressamente conferida pelo editor ao próprio W. Deppe.

A indicação de autoria antecipada a terceiros que não seriam considerados (futuramente) autores da espécie, era procedimento trivial naquela época. Entre nós temos um exemplo clássico que é o de Auguste von Pelzeln (mas também Coenraad J. Temminck), que – por justiça (mas sem aval nomenclatural) – atribui a Johann Natterer várias das aves descritas com base em seus manuscritos (Straube 2012), condição que não é aceita pelas regras vigentes de nomenclatura. É por esse motivo que a autoria de *Elaenia mesoleuca*, mesmo tida como Lichtenstein por alguns (p.ex. Traylor-Jr. 1979:31) é, hoje em dia, consignada a Deppe – mas ao escriturário Wilhelm e não ao naturalista Ferdinand, como se poderia concluir desavisadamente.

Mas o assunto não terminava aqui. Aliás, a confusão estaria apenas começando...

Uma outra *Elaenia mesoleuca*?

Em meados do Século XIX, Cabanis & Heine (*in* Cabanis 1851:60), descrevem “*E[laenia]. mesoleuca*”, com base em um exemplar fêmea oriundo do “Rio Grande [do Sul]” (Figura 3):

204. 4. *E. mesoleuca* nov. sp.

Supra grisescente-olivacea, alis caudaque fuscis, remigibus tribus dorso proximis extus latius albescente-limbatis, ceteris tectricibusque anguste olivascens-marginatis, tectricibus alaribus apice sordide albescentibus tres vittas plus minusve obsoletas formantibus; subtus albens, gutture pectoreque imprimis olivaceo-grisescente densissime adpersis, ventre medio albo, hypocondriis crissoque pallide flavescens.— Long. tot. 5" 6"', al. 2" 10"', caud. 2" 6"', rostr. culm. 4"', tars. 7"', dig. med. exc. ung. 5"'. —

Rio Grande — ♀ — 1 St.

Figura 3. Descrição de *E[laenia] mesoleuca* Cabanis & Heine (1851:60)

Apesar da descrição profunda e detalhada, não há ali qualquer menção à enigmática “*Muscicapa mesoleuca*” de Lichtenstein, embora o epíteto específico fosse rigorosamente o mesmo e tivesse cabido ao próprio Cabanis o encargo editorial da reimpressão do catálogo de Deppe. Não se sabe se os autores descreveram o novo táxon usando coincidentemente o mesmo nome ou se, simplesmente, usaram igual denominação como uma nova combinação (e redescricao), mas informando outro espécime para tipo. A última opção parece mais viável, uma vez que “*mesoleuca*” não é um epíteto tão comum entre aves e significa “tendo o centro das partes ventrais branco”, detalhe esse que não é tão notável nesses pássaros, a ponto de ter resultado em uma coincidência como essa. Note-se, ainda, que tal característica não ocupa posição de destaque na descrição, cabendo-lhe a menção ao fim da mesma (“*ventre medio albo*”).

Por mais de um século, então, acreditou-se que essa era, de fato, a descrição original de *Elaenia mesoleuca* tal como reconhecida nos dias de hoje, uma vez que as cores e medidas coincidiam e, especialmente, a localidade-tipo era coerente com a sua distribuição (ao contrário do que se pensava sobre a procedência da *Muscicapa mesoleuca* de Deppe, teoricamente oriunda do México). Essa opinião foi reforçada por Hellmayr (1927) e Pinto (1944).

Para Hellmayr (1927:416-417), ainda, a *Elaenia mesoleuca* Cabanis & Heine, 1851, que ele chamou de “*Heine's Elaenia*”, incluía também as aves que Pelzeln (1868:107) tratou como “*Elaenia albiceps* Lafr. et Orb.” (vide também Straube 2012:130). Isso gerou um outro problema. Afinal, o famoso revisor do material de Natterer identificou os espécimes de “Ypanema” (São Paulo) e “Curytiba” (Paraná) como pertencentes àquela espécie (*E. albiceps*) largamente distribuída na América do Sul (Ridgely & Tudor 1994), mas que é representada no Brasil apenas pela outrora subespécie (*E.a. chilensis*, descrita pelo próprio Hellmayr 1927:413), hoje reconhecida como espécie plena, ou seja, *Elaenia chilensis* (CBRO 2011).

Elaenia mesoleuca ou *Contopus cooperi*?

O mesmo Lichtenstein que nomeara a *Muscicapa mesoleuca* descrita por Deppe, batizou também uma outra espécie: *Myiarchus villicus* (Lichtenstein 1854). Baseara-se nos espécimes 2402 e 2403 (procedente de Oaxaca, México) da coleção de Berlim, diga-se de passagem, os mesmos que acreditava-se embasarem a descrição da própria *Muscicapa mesoleuca* Deppe (Rossem 1934). Esse táxon, um *nomen nudum* (nome original em cuja descrição falta a diagnose), foi colocado na sinonímia de *Contopus cooperi* por Cabanis & Heine (1859-1860:72).

Sclater (1859:43), em seguida, descreveu *Contopus mesoleucus* (tal como Cabanis, 1851 sem nenhum comentário à *Muscicapa mesoleuca* de Deppe!). Tomou como base exemplares do sul do México e Guatemala, considerando-os “facilmente reconhe-

cíveis pela linha medial branco-creme, estendendo-se do mento ao crisso e expandindo-se grandemente na barriga”. Fez também, à guisa de diagnose, uma comparação com “*Contopus borealis*” (hoje *Contopus cooperi* (Nuttall)) com base nos curiosos tufo nos lados do uropígio, cobertos pelas asas mas muito notáveis naquela espécie”.

Aqui relembremos o nome criado por Cabanis & Heine para o exemplar gaúcho de *E.mesoleuca* (vide acima). Parece que agora Sclater é que teria procedido uma redescricao e nova combinação e, tal como eles, usara o mesmo epíteto específico de Deppe e também designando outros exemplares, agora do México e Guatemala. Dessa forma, tanto Cabanis & Heine quanto Sclater pareciam querer “varrer a sujeira para baixo do tapete” pois, uma vez notando o problema em decifrar a identidade de “*Muscicapa mesoleuca*”, descreveram cada qual uma espécie – uma do México, outra do sul do Brasil, porém usando o mesmo nome criado por Lichtenstein e publicado por Deppe.

Anos depois, aparecem Salvin & Godman (1889:81), dispostos a encarar o problema. Em seu clássico “*Biologia Centrali-Americana*”, transferem o *Contopus mesoleucus* de Sclater para a sinonímia de *Contopus borealis* Swainson, assim como o fazem também, embora com dúvidas, para *Muscicapa mesoleuca* de Lichtenstein (leia-se Deppe):

“It is possible that Lichtenstein’s *Muscicapa mesoleuca*, described as ‘*Graugrünlich, mit weisslicher Kehle und dergl. Bauch,*’ is meant for this species; and, if so, the name has one year’s priority over Swainson’s *Tyrannus borealis*. But, though the specific name is suggestive, the description is very meagre, so that we are not disposed to displace the specific name *borealis* in favour of *mesoleucus* for this *Contopus*. Mr. Sclater’s use of the same name in 1859 was made without reference to Lichtenstein’s prior application of it. *Contopus mesoleucus* of the later author is certainly a synonym of *C.borealis*”.

É curioso conhecer a opinião de Sclater (1888) no famoso *Catalogue of Birds in the British Museum*. Para ele, haveria *Elaenia mesoleuca* de Cabanis & Heine, 1851, uma forma do “*S.E. Brazil*” semelhante a *E.albiceps* (leia-se a própria *E.mesoleuca*, segundo Hellmayr!) e também *Contopus borealis* de Swainson, 1831, ocorrente na “*North America (in summer), and southwards throughout Mexico and Central America to Colombia*”. Sequer cita “*Muscicapa mesoleuca*”.

Ridgway (1907:505-508), por sua vez, trata a espécie neártica como *Nuttalornis borealis* (Swainson), incluindo “*Muscicapa mesoleuca* Licht.” como sinônimo, porém, igualmente com dúvida (usa dois pontos de interrogação), possivelmente fundamentada pela leitura de Salvin & Godman; o mesmo tratamento é dado – mas sem hesitação – a *Contopus mesoleucus* de Sclater.

Em algum momento da curadoria do museu de Berlim, segundo Rossem (1934:351), um dos exemplares sintípicos de *Myiarchus villicus* (no caso, o 2402), recebeu um rótulo vermelho (portanto indicando se tratar de um tipo), apontando que se tratava de espécime-tipo de *Muscicapa mesoleuca*! Isso gerou uma confusão importante, pois Hellmayr (1927:189, rodapé) acabou por cair em uma armadilha, aferindo o espécime 2402 como autêntico exemplar-tipo da *Muscicapa mesoleuca* de Deppe (para ele, de Lichtenstein): “*The type [de Nuttalornis mesoleucus = Contopus cooperi], an adult male in good condition (No. 202, Berlin museum), is a specimen of the smaller eastern form (wing 103; tail 74)*”.

Coerente como sempre, embora aqui fundamentado por um equívoco, ele também acabou assinando embaixo da *Elaenia mesoleuca* de Cabanis & Heine e, com argumentação geográfica, atribui a localidade-tipo como Rio Grande do Sul (Hellmayr 1927:416-417).

Na edição de 1931 da *check-list* da AOU, dessa forma, acabaram acatadas essas sugestões, de forma que temporariamente, passou-se a ser adotado o nome *Nuttalornis mesoleucus* “Lichtenstein” para a espécie norte-americana (AOU 1931, Pinto 1944:178-rodapé), condição depois revertida a *Nuttalornis borealis*, *Contopus borealis* e, por questões de prioridade, *Contopus cooperi* (Nuttall) (Rossem 1934).

A intervenção de Rossem

Até 1934, parecia tudo esclarecido. O que hoje chamamos de *Contopus cooperi* (Nuttall) teria como basônimo a *Muscicapa mesoleuca* de Deppe, com base no exemplar supostamente mexicano. E o que hoje chamamos de *Elaenia mesoleuca* (Deppe) o tinha como *Elainea mesoleuca* de Cabanis & Heine, cujo tipo – do Rio Grande do Sul – estaria na coleção de Ferdinand Heine.

Coube a Rossem (1934a – e não Rossem 1934b como informado por Banks & Browning 1995) a intervenção final e definitiva para por fim nos tantos meandros, omissões e confusões criadas pelos autores anteriores e é, em grande parte, com base em suas palavras que o presente texto se baseia.

Rossem não somente reconheceu *Muscicapa mesoleuca* Deppe (mas, para ele, Lichtenstein) como basônimo de *Elaenia mesoleuca* como também descobriu o exemplar-tipo que se relacionava com a descrição original. E não era o 2402! Sua argumentação se baseou, isso sim, em um terceiro espécime, esquecido nas coleções de Berlim, mas em cujo rótulo constava a reveladora indicação de “*M.mesoleuca*”. Tratava-se de uma pele oriunda de Montevidéu (Uruguai), coletada por Friedrich Sellow e que foi inadvertidamente incluída no catálogo de preços de Wilhelm Deppe.

Aqui é necessária uma breve intervenção. Lichtenstein (1780-1857) foi o sucessor (a partir de 1813) do primeiro curador do museu de Berlim, Karl Illiger. Ele era professor particular da família do governador da África do Sul e, em 1810, atingindo o doutorado, foi diretor do Jardim Botânico de Berlim. Em seguida assumiu a curadoria do museu zoológico, trabalhando em intercâmbio com Temminck, na época curador do museu de Leyden (Holanda). Coube a ele receber grande parte do material oriundo do Brasil, inclusive as coleções de Freyreiss e Sellow (Ahrens 1925). Ocorre que boa parte do material zoológico obtido por esse último, foi estudado precariamente pelo então curador que, além de substituir os rótulos originais por outros, acabou por lhes acrescentar nomes novos, sem realizar a descrição protocolar básica para fins científicos, resultando em vários *nomina nuda*. Outra fração desse acervo foi vendida, permutada ou transformada em material expositivo, em muitos casos com perda dos dados originais (Ahrens 1925, Pinto 1979, Sick *et al.* 1981, Pacheco & Whitney 2001a,b, Straube 2012, Rego *et al.* 2013).

Esse procedimento, que causou uma série de transtornos para a nomenclatura e biogeografia de algumas aves brasileiras, acabou por gerar uma certa dúvida sobre a procedência de alguns exemplares de Sellow alegadamente oriundos do Uruguai (e mesmo de todos os locais onde o valoroso coletor esteve presente) mas de espécies que ali definitivamente não ocorrem (Straube 2012:179-183). O caso, no entanto, não se aplica a *E.mesoleuca* cuja pre-

sença, embora escassa, é bem conhecida em território uruguaio.

Vemos, então, que o problema envolvido no que hoje resumimos a “dificuldade de identificação” é muito mais extenso do que se pode imaginar. São muitas as lições a serem tiradas, porém, a mais importante é: qualquer tentativa de resolver esse convoluto dilema jamais terá sucesso sem a consulta, análise e reavaliação de tudo o que foi dito na literatura antiga; e, claro, sem o confronto dessas palavras com os respectivos exemplares que serviram de lastro físico para as descrições e opiniões taxonômicas. Elas se entremeiam de fato a inúmeras questões que não se resumem a decisões simplistas sobre uma ave observada, fotografada ou gravada receber um nome científico, mas a um universo de detalhes que podem parecer supérfluos mas que são, na realidade, indispensáveis ao juízo crítico.

A complexidade que temos à frente, não deve – desta forma – ser tratada como um obstáculo e sim como uma justificativa mais do que convincente para o malogro das tantas tentativas que se fizeram em busca da resolução do assunto. Afinal, quem imaginaria que, no meio dos exemplares de Deppe postos à venda por seu irmão, estaria um espécime uruguaio, não coletado por ele, mas por Sellow? Um pequeno desliz na apresentação desse material (ou seja, a falta de indicação a qual espécime ele se referia), acabou gerando um universo absurdamente confuso de opiniões e de intervenções equivocadas!

***Elaenia parvirostris* (Pelzeln, 1868)**

Sob a questão nomenclatural, o caso *Elaenia parvirostris* é mais “simples”, se é que algo pode ser tratado como simples quando se fala em *Elaenia*. Foi descrita por Auguste von Pelzeln, em 1868 (vide, porém, a questão do ano oficial da descrição em Straube 2012:87-88), com base em material (três exemplares) colecionado por Johann Natterer em Curitiba (Paraná), Borba e Barcelos (Amazonas) (Pelzeln 1871:107): “79. *Elaenia parvirostris* Pelzeln n.sp.? N. 350?/ Curitiba November [de 1820], Borba Juli [de 1830], Barcellos August [de 1830]. 3 Ex.”.

Note-se, porém, que o próprio autor da espécie tinha dúvidas sobre o fato de ser uma espécie nova, o que fica claro pelo ponto de interrogação ao lado do novo nome e da numeração de campo de Natterer, também endossado na própria descrição. Pelzeln, confuso com tamanha variação, chegou a cogitar que os espécimes seriam consequência de um mero polimorfismo de *E.chiriquensis albivertex*, forma essa – diga-se de passagem – também descrita por ele na mesma obra, apenas algumas linhas acima (Pelzeln 1871:178) (Figura 4):

***Elaenia parvirostris* Pelzeln. N. 350?**

Speciei praecedenti simillima sed rostro minore et corpore supra magis in olivaceum vergente. Longit. rostri a fronte 3 1/2 ”, a rictu 6 ”.

Hab Curytiba, Borba, Barcellos.

Ich zweifle sehr, ob diese Art wird beibehalten werden können, wahrscheinlich beruht sie nur auf individuellen Verschiedenheiten innerhalb *E. albivertex*, wofür auch das Vorkommen, sowohl im Süden als Norden von Brasilien spricht; ich wollte durch den eigenen Namen nur die Aufmerksamkeit auf diesen Gegenstand lenken.

Figura 4. Descrição de *Elaenia parvirostris* Pelzeln (1871:178)

Muitos anos depois, coube a Hellmayr (1929:414-416) dar parecer final sobre a validade da espécie, assim se referindo a ela: “[...] *although similar in general appearance to E. albiceps, is distinguished by shorter, broader bill; smaller size; more greenish upper parts; shorter occipital feathers with less white; paler and purer grayish throat and chest; and by*

***Elaenia parvirostris* Pelzeln. N. 350?**

Speciei praecedenti simillima sed rostro minore et corpore supra magis in olivaceum vergente. Longit. Rostri a fronte 3 1/2 ”, a rictu 6 ”.

Hab Curytiba, Borba, Barcellos.

Ich zweifle sehr, ob diese Art wird beibehalten werden können, wahrscheinlich beruht sie nur auf individuellen Verschiedenheiten innerhalb *E.albivertex*, wofür auch das Vorkommen, sowohl im Süden als Norden von Brasilien spricht; ich wollte durch den eigenen Namen nur die Aufmerksamkeit auf diesen Gegenstand lenken.

***Elaenia parvirostris* Pelzeln. N. 350?**

Semelhante à espécie anterior [refere-se a *Elaenia albivertex* Pelzeln], mas com bico menor e partes superiores tendendo ao oliváceo. Dimensões Bico até a fronte 3 1/2 ” e até a comissura 6 ”.

Hab Curytiba, Borba, Barcellos.

Eu duvido que esta espécie seja mantida e provavelmente seja baseada apenas em diferenças individuais observadas em *E.albivertex* sobre cuja presença, do sul ao norte do Brasil me referi. Eu queria ter um nome só para chamar a atenção para este assunto.

having the lesser wing-coverts frequently tipped with white, forming an indistinct third band across the wing.”. Ou seja, não somente esse autor endossou o fato de ter um bico menor (porém comparado com *E.albiceps*, incluindo *E.a.chilensis*) e as partes superiores “mais esverdeadas” como adicionou outros detalhes, alegadamente diagnósticos para a distinção de ambas.

A nossa *E.parvirostris*, então, é novamente mencionada no catálogo (assim como *E.a.chilensis*, essa última descrita pelo próprio Hellmayr, na mesma obra, apenas algumas páginas antes), porém no verbete *E.mesoleuca* (Hellmayr 1929:416-417): “*Elaenia mesoleuca CABANIS and HEINE: Nearly allied to E. parvirostris, but decidedly larger; crown without any, or with very little white at the extreme base of a few feathers; chest shaded with greenish and very often flammulated with pale yellowish; malar region greenish instead of pale grayish; flanks more strongly tinged with yellowish green, etc. From E. a. albiceps it is easily distinguished by lighter, greener upper parts; more greenish chest; more yellowish flanks and under tail coverts; much less elongated crown-feathers with hardly any white at base, and differently shaped bill.”*.

Uma vez que tivera abundante material para comparação, como sabidamente ocorreu na produção de seu incomparável catálogo, não foi à toa que todos os autores subsequentes basearam-se em suas preleções como se esse fosse um assunto encerrado. Aqui cabe então, uma indicação das medidas (em milímetros) apresentadas por esse autor, todas constantes em notas de rodapé (Hellmayr 1929, Tabela 1):

Tabela 1. Compilação de medidas de asa, cauda e bico em três espécies de *Elaenia*, segundo Hellmayr (1929).

	Asa	Cauda	Bico
<i>E.parvirostris</i>	70-78	55-70	9,5-11
<i>E.mesoleuca</i>	74-83	66-73	não consta
<i>E.a.chilensis</i>	70-79	60-68	10-11

Observa-se, então, que o alegado tamanho menor de bico em *E. parvirostris* em comparação com *E. albiceps* não existe, ao menos segundo as medições de Hellmayr. E mais, a característica diagnóstica nada mais é do que uma repetição daquilo que Pelzeln já havia escrito, porém, comparando-a com *E. albivertex*, ou seja, *E. mesoleuca* de Deppe. Esse detalhe, que inclusive serviu como motivação para seus nomes científico (*parvus* = pequeno + *rostris* = bico), em inglês (*Small-billed Elaenia*) e vernáculo técnico em português (guaracava-de-bico-curto), nada mais era do que consequência de um simples descuido no momento da descrição original, perpetuado até os dias de hoje.

Um outro aspecto importante quando se trata de *E. parvirostris* é a migração, questão apresentada por Zimmer (1941:11-12). Segundo esse autor, “*This species appears to be migratory in habit, breeding in the latitude of northern Argentina some time about the end of January, leaving for the north, probably in March, and returning in September and October*”. Não obstante, sabemos que – ao menos em Curitiba (que está em latitude comparável àquelas do norte da Argentina) – a espécie chega regularmente em meados de setembro (um dos exemplares sintípicos é de novembro de 1820), aqui reproduzindo e desaparecendo (ou, quem sabe, apenas silenciando) por volta de meados de janeiro. Cumpre com notável precisão o mesmo momento de chegada e saída de sua congênica *E. mesoleuca*, quando ambas podem ser escutadas em grandes números em parques urbanos do município.

Segundo o mesmo Zimmer (1941:12), *E. parvirostris* pode ser encontrada no norte cisandino da América do Sul (Colômbia, Venezuela) entre abril e outubro, mas há um exemplar colecionado em novembro no Peru, diagnosticado por ele como um “*belated migran*” (“migrante tardio”). Essa informação poderia criar uma nova via para interpretação migratória da espécie, ou seja, a migração de parte das populações, ao menos em regiões mais quentes, ainda que ali não seja conhecida sua reprodução (Zimmer, *op.cit.*). Note-se que a denominada *Elaenia aenigma* de Stresemann (1937), considerada sinônimo de *E. parvirostris* (Zimmer 1942, Traylor 1979), recebeu esse nome exatamente por ter sido coletada no Equador, portanto a oeste do Andes. Sob mesmo raciocínio, já haviam sido descritos outros táxons, igualmente sinonimizados: *Ela-*

nea hypospodia de Sclater (1887: uma variação cromática) e *Elaenia albiventris* de Chapman (1897), ambas da Venezuela (Hellmayr 1927).

E no sul? Será que simplesmente elas não estariam presentes, porém, em menores números e sem manifestação vocal, o que as tornaria simplesmente subestimadas? E, com relação a *Elaenia mesoleuca*, por que tão poucos autores a mencionam quando se fala sobre migração (vide, porém, Kawamoto *et al.* 2005) ? Será que isso acontece justamente por comodidade, visto que é indistinguível de *E. parvirostris*, o que causaria – em virtude disso – uma derrocada completa de todas as conclusões taxonômicas geradas a partir de espécimes de museu e de todas as informações colhidas de indivíduos anilhados? Afinal – as *Elaenia* verdes que chegam à Amazônia (inclusive os exemplares amazônicos da série-tipo) são mesmo *E. parvirostris*? E aquelas obtidas em outros países do Hemisfério Norte, incluindo os tipos de *E. aenigma*, *E. hypospodia*, *E. albiventris* e todos os exemplares e registros atribuídos a ela?

Diferença entre as espécies: o que diz a literatura

Primeiramente, depois dessa cansativa preleção nomenclatural, vamos avaliar agora o conteúdo descritivo e comparativo (apenas contexto morfológico) de alguns catálogos, guias de campo e mesmo literatura técnica que trata do assunto, muitos deles em franca utilização pelos ornitólogos, observadores de aves e fotógrafos. Selecionei apenas as obras mais recentes, uma vez que – como visto – a confusão nomenclatural era tão grande que acabaríamos por tornar a nossa fundamentação ainda mais prolixa do que já está.

A finalidade dessas transcrições, de fato, é apontar o quanto vagas, confusas e divergentes são as descrições oferecidas na literatura e quase sempre associadas a comparações entre meras variações individuais e tonalidades mais ou menos sutis de mesmas cores o que, na prática, é absolutamente inviável como ferramenta para a identificação. Afinal, saber que uma espécie é mais escura, clara, acinzentada ou esverdeada do que a outra, exige a presença de ambas e, diga-se de passagem, sob condições semelhantes de luminosidade.

A guide to the birds of South America (Meyer de Schauensee 1982:319)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	6” [15,24 cm]	“Differs from 260 by greener upperparts and by well-marked white eye ring.” Nota: 260 é <i>E. martinica</i> : “6,2” [15,75 cm]. Grayish olive above, throat and breast pale gray gradually merging with pale yellow abdomen”.
<i>Elaenia mesoleuca</i>	6” [15,24 cm]	Above olive. Throat pale gray; breast grayish, tinged olive; sides of body pale olive; center of abdomen white; flanks and under tail coverts pale greenish yellow. Wing bars narrow.

South American land birds (Dunning 1982:110 e 293: *field marks* em negrito)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	5 1/2” (14cm)	Bill short. Eye ring white, well marked. Above olive tinged greenish. Wing-bars prominent. Throat and breast pale gray. Belly pale yellow.
<i>Elaenia mesoleuca</i>	5 1/2” (14cm)	Above olive. No crown patch. Wing bars narrow but distinct, usually a third bar visible. Below rather dark olive grayish , paler and yellower on belly.

Contribuição ao estudo das espécies brasileiras do gênero *Elaenia* (Aves, Tyrannidae) (Camargo 1986:14 [chave de identificação])

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	> 163 mm	“Garganta acinzentada, contrastando bem com o colorido do peito; usualmente com três faixas claras transversais nas coberteiras superiores das asas”.
<i>Elaenia mesoleuca</i>	> 163 mm	“Garganta quase do mesmo colorido que o peito; não mais do que duas faixas transversais nas coberteiras superiores das asas”

Birds of Rio Grande do Sul, part II (Belton 1985:24-28)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	140-163 mm [machos]; 146-151 [fêmeas]	“Field marks: Not safely separable in field from <i>E.mesoleuca</i> except by voice, though breast color slightly lighter. Hidden white crest, when visible, good indicator, but occasional <i>mesoleuca</i> specimens show white on crown, as do rare transient <i>E.albiceps</i> , from which it also cannot safely be distinguished under field conditions”
<i>Elaenia mesoleuca</i>	147-163 mm [machos]; 144-150 mm [fêmeas]	“Field marks: Dark olive upperparts, pale yellow eye ring, light wing bars, olive washed gray and throat and breast are characteristic, but field identification cannot be relied upon to separate it from <i>E. albiceps</i> and <i>E. parvirostris</i> , except through voice”

South American land birds (Dunning 1987:207; *field marks* sublinhadas)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	15 [cm]	Like 207-3 but crest shorter and white eye-ring more prominent. Below grayish. Bill not obviously smaller. Nota: 207-3 é <i>Elaenia albiceps</i> : “14 [cm], Above dark olive. Wing-bars whitish. <u>Prominent eye-ring whitish.</u> <u>Throat and breast grayish.</u> Belly white in center.
<i>Elaenia mesoleuca</i>	15 [cm]	Above olive. Wing-bars narrow. <u>Below rather dark olive grayish</u> , paler and yellower on belly.

Guia para la identificación de las aves de Argentina y Uruguay (Narosky & Yzurieta 1987:236)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	13 cm	“...Muy parecido a 732), 734) y 735) – Corona oculta – Malar grisáceo – Pecho sin oliváceo – Abdómen mas bien blancuzco” Nota: 732 é <i>Elaenia albiceps</i> ; 734 é <i>E.mesoleuca</i> e 735, <i>E.chiriquensis</i> .
<i>Elaenia mesoleuca</i>	14 cm	“Difícil de distinguir de los simpátricos 733) y 735) – [...] Sin corona oculta – Pico más ancho que em 733) y 735) – Ventral algo oscuro, por pecho y flancos oliváceos – Malar oliva” Nota: 733 é <i>Elaenia parvirostris</i> .

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	14,5 cm	<p>“Very closely resembles <i>chilensis</i> race of White-crested Elaenia. Small-billed’s only difference are its slightly stubbier bill and purer gray throat and chest; a <i>third wing-bar</i> (on lesser coverts) is usually present. These (subtle) distinctions may hold best for birds in fresh plumage; many elaenias in this group are not identifiable in the field. See V-29, C-37.</p> <p>Similar species: Besides White-crested, Small-billed is very similar to Olivaceous Elaenia, with which is broadly overlaps in se. South America. Olivaceous has no coronal stripe (or at most shows only a trace – but remember that this is sometimes hidden in Small-billed), shows relatively little contrast between upper- and underparts, has a dull olive wash across breast, and has 2 (not 3) wing-bars. Cf. also Lesser Elaenia.</p> <p>Nota: White-crested Elaenia é <i>E.albiceps</i>; Small-billed Elaenia é <i>E.parvirostris</i>; Olivaceous Elaenia é <i>E.mesoleuca</i>; Lesser Elaenia é <i>E.chiriquensis</i>.</p>
<i>Elaenia mesoleuca</i>	14,5 cm	<p>“A dull olive elaenia of woodland and forest in se. Brazil area. Olive above with little or no white in crown; wings and tail duskier, wings with 2 yellowish white bars and edging. Throat pale grayish, breast dull grayish olive (sometimes with the effect of a dull olive pectoral band), becoming white on center of belly; flanks and crissum tinged greenish yellow.</p> <p>Similar species: So closely resembles Small-billed Elaenia that many individuals cannot be distinguished. The 2 species frequently occur together; when breeding, though, Olivaceous tends to be more a birds of woodland and forest (with Small-billed more in semiopen areas). Olivaceous is drabber and more uniform, with a more olivaceous breast; it has little or no white on crown (but as small-billed’s white is often at least partially hidden, this is of little help in the field) and has only 2 wing-bars (Small-billed usually shows 3).</p>

Todas as aves do Brasil (Souza 1998:258; field marks em itálico)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	14,5 cm	“Sem penacho; branco escondido na coroa. Três nítidas barras brancas na asa”.
<i>Elaenia mesoleuca</i>	15 cm	“Sem topete nem branco no píleo; 2 a 3 faixas branco-esverdeado na asa”.

Ornitologia brasileira (Sick 1997:605)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	14,5 cm	“Espécie meridional, de bico menor que <i>E.flavogaster</i> , sem topete, tem o píleo com pouco branco, duas a três faixas claras na asa”
<i>Elaenia mesoleuca</i>	15 cm	“Espécie localmente abundante no sudeste, sem topete, sem branco no píleo, anel esbranquiçado em torno do olho, mandíbula clara, duas a três faixas verde-esbranquiçadas na asa”.

Birds of southern South America and Antartica (Peña & Rumboll 1998)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	15 cm	“Olive upperparts. Partly hidden white crown-patch. Pale eye-ring. Throat and breast grey. Whitish belly. Two wing-bars”
<i>Elaenia mesoleuca</i>	15 cm	“Above olivaceous. Below grey; olive flanks. Two buff wing-bars. Brownish tail”.

Guia de campo: aves da Grande São Paulo (Develey & Endrigo 2004:159)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	Não consta	Não consta
<i>Elaenia mesoleuca</i>	15 cm	“É muito parecida com a guaracava-de-barriga- amarela (<i>E.flavogaster</i>), porém sem o topete.”

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	13 cm	Não há. Apenas aparece indicação que estaria no bico a característica diagnóstica.
<i>Elaenia mesoleuca</i>	14 cm	Não há. Apenas aparece indicação que estaria no peito a característica diagnóstica.

A field guide to the birds of Brazil (Perlo 2009:292)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	15 cm	“Similar to 132.4 [<i>E.albiceps</i>]. Both have whitish (not yellowish) mid-belly, grayish chest often tinged olive, bold whitish eyering, and little or no crest. Sp. 132.4 usually has two wing bars and white streak on crown visible; 132.5 [<i>E.parvirostris</i>] usually has three wing bars and crown streak often hidden, but these variable in both. Cf. 132.6 [<i>E.mesoleuca</i>]”
<i>Elaenia mesoleuca</i>	15 cm	“No white crown stripe, unlike 132.4 [<i>E.albiceps</i>] and 132.5 [<i>E.parvirostris</i>], breast more olive than gray”.

Aves do Brasil: Pantanal e Cerrado (Gwynne *et al.* 2011:210-211)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	14,5 cm	“Pardo olivácea escura por cima, em geral com fina estria branca visível na coroa. Sem crista, a cabeça parece redonda. Anel ocular branco bem nítido; asa enegrecida, com 2-3 faixas brancas. Garganta e peito cinza-claros, centro da barriga branco. O bico curto não ajuda na identificação. Compare com a guaracava-de-crista-branca, parecida, mais ‘encardida’ (em especial no papo), com anel ocular menos nítido, aparentemente nunca com uma terceira faixa na asa. Compare também com o tuque, sem branco na coroa e mais uniforme por baixo, e com o chibum” Nota: Guaracava-de-crista-branca é <i>Elaenia albiceps</i> ; tuque é <i>E.mesoleuca</i> ; chibum é <i>E.chiriquensis</i> .
<i>Elaenia mesoleuca</i>	-	“Muito parecido com a espécie anterior, é mais apagado e mais uniforme, com peito mais oliváceo e anel ocular menos evidente”.

Guia fotográfico: Aves do Pantanal (Pivatto & Bernardon 2012:150)

	Tamanho	Descrição
<i>Elaenia parvirostris</i>	15 cm	“Muito semelhante à guaracava-de-crista-branca [<i>E.albiceps</i>], as diferenças sutis entre as duas espécies são difíceis de notar em campo. Destaca-se o bico ligeiramente mais curto, a ausência de crista (mas pode exibir uma linha branca na cabeça) e o anel esbranquiçado em volta dos olhos, que é mais nítido do que na espécie anterior. Geralmente exibe três barras alares”.
<i>Elaenia mesoleuca</i>	Não consta	Não consta

O que se observa aqui não é somente uma confusão total em caracteres ditos diagnósticos por alguns, rejeitados ou omitidos por outros e tratando de espécies não propriamente comparáveis. Isso, naturalmente, não mostra que tais descrições foram mal-feitas ou preparadas sem embasamento. Confirma, isso sim, algo que todos já sabem: não há como distinguir, em condições de contato visual de campo, uma espécie da outra!

E agora, uma pergunta importante: “Quais as fontes desses autores?”. Ou seja, de onde chegaram a essas conclusões acerca da distinção entre duas – apenas duas – espécies desse complicado gênero? Parece claro que, mesmo com base em vasta experiência de campo, como sabemos que todos esses autores possuem, a origem das informações é da própria literatura – eventualmente de exemplares de museu, a cujos títulos e rótulos formulei a mesma pergunta: de onde apareceram essas características diagnósticas

e respectivas identificações? E como saber sem reavaliar, com a profundidade necessária, os exemplares-tipo – ou seja, o lastro físico da nomenclatura biológica?

Por outro lado, sabemos (embora sem certeza plena) que as duas espécies citadas são mesmo duas entidades biológicas atribuíveis – cada qual – a dois nomes científicos. Mas assumamos publicamente: ninguém é capaz de identificar uma *Elaenia* deste grupo por análise de indivíduos capturados em rede de neblina, coletado ou disponível em coleções de museu e muito menos por fotografias! E algo ainda mais preocupante: será que não existiria uma terceira (ou mesmo quarta, quinta...) espécie, ainda não descrita, escondida no meio dessas duas?

Digo isso porque o que se faz atualmente é identificá-las exclusivamente por suporte vocal e, quem sabe, por alguns outros indícios – igualmente falíveis. De uma forma geral, e falando em

manifestações vocais e ecológicas mais “comuns”, tem-se seguido a regra de que *E.mesoleuca*, com seu canto áspero e alto, é mais dependente de ambiente florestal, além de fazer um ninho menos elaborado. Por sua vez, *E.parvirostris* manifesta seu piado peculiar e está sempre presente nas bordas e mesmo em pleno ambiente urbano, mesmo em árvores isoladas onde constrói um belo ninho, ornamentado por líquens. Mas, com base em tudo o que foi tratado aqui, faço a pergunta final: “– Quem garante que o canto atribuído a cada uma é, de fato, o correspondente a cada expressão morfológica?”. Além disso, quem conhece o canto, os chamados, gritos e vocalizações crepusculares, peculiares – sabidamente diversificados – de ambas?

Agora mesmo, da janela do meu escritório, posso escutar pelo menos três vocalizações diferentes daquilo que seria uma *Elaenia parvirostris* (com base nos indicadores citados acima): o peculiar “*piow*”, um “*tip*” repetitivo e uma sequência algo áspera, talvez de contato. E já escutei, ainda há alguns dias, mais outras duas ou três emissões sonoras, inclusive o característico canto da madrugada (“*dawn song*”). Se falamos de uma única espécie, é possível no mínimo categorizá-la como altamente variável no contexto vocal quesito esse que, como já dito, é a única base – alegadamente confiável – para a identificação.

Avanços ou endossos de erros?

Sibley & Monroe (1990) decretaram, com base em seus estudos (dos quais também participou Jon Ahlquist) de hibridização de DNA, que *E.parvirostris* e *E.albiceps* formavam uma superespécie. Essa conclusão veio, provavelmente, a partir das semelhanças “amplamente conhecidas” na literatura corrente. Segundo Rheindt *et al.* (2008), tal afinidade seria “*based on vocal and morphological grounds, and apparent hybridisation (!)*”, dando como base literária o “*Handbook of the birds of the world*” (volume 9, 2004) e Traylor (1982). Para esse último autor, ainda, as duas espécies são distinguidas – sem muito esforço (a palavra inglesa usada é “*readily*”) – por uma série de características, abaixo transcritas:

“*Elaenia parvirostris is greener, less brownish above, and has the white crown patch smaller and more completely concealed. Elaenia parvirostris usually has three well-marked whitish wing bars, and E. a. chilensis, never more than two. The form of the wing tip is an excellent character for distinguishing migratory chilensis, not only from parvirostris but from other races of E. albiceps in whose ranges it winters. As pointed out by Zimmer (1941a, p. 8), in these chilensis the 10th primary is almost always longer than the fifth, whereas in all other taxa of this complex, it is shorter. In size, chilensis is larger than parvirostris, although there is overlap in all dimensions. The populations of chilensis in the mountains along the eastern slope of the Andes in southern Bolivia are identical with the migratory chilensis in every way except that they lack the distinctive wing tip. On the assumption that the more pointed wing of Argentinian and Chilean birds is associated with their migratory habits, then the Bolivian populations are probably sedentary. The latter intergrade with nominate albiceps in northern Chuquisaca and adjoining Cochabamba; albiceps is the brownest race, with a large white crown whose lateral edges are washed with brown, and is the largest race, with a proportionately long tail*”.

Elaenia parvirostris é mais verde, menos amarronzada nas partes superiores e tem uma mancha coronal branca menor e mais escondida. Também tem três bem marcadas barras alares esbranquiçadas – enquanto que *E.a.chilensis* nunca mais do que duas. O formato da silhueta alar é um caráter excelente para distinguir a migratória *chilensis*, não somente de *parvirostris* mas também de outras raças de *E.albiceps*, em cujas áreas de distribuição elas invernam. Como indicado por Zimmer (1941a, p.8), nessas *chilensis*, a 10° rêmige primária é quase sempre mais longa do que a quinta, enquanto em todos os outros táxons desse complexo, ela é menor. No comprimento total, *chilensis* é maior do que *parvirostris*, embora haja uma sobreposição em todas as dimensões. As populações de *chilensis* nas regiões montanhosas ao longo da face leste dos Andes no sul da Bolívia são idênticas às da migratória *chilensis*, exceto pelo detalhe da silhueta das asas. Supondo-se que a asa mais pontiaguda dos exemplares argentinos e chilenos seja associada aos seus hábitos migratórios, então, as populações bolivianas são provavelmente sedentárias. Essa última [*chilensis*] intergrada com a forma nominal *albiceps* no norte de Chuquisaca e adjacências de Cochabamba; *albiceps* é a raça mais amarronzada, com uma grande mancha coronal branca, cujas margens laterais são lavadas de marrom, a é a raça maior, com uma cauda proporcionalmente maior”.

Então, como se pode avaliar, todo o fundamento para o que se tem dito (e replicado *ad nauseam*) desde mesmo os tempos de Deppe, Cabanis & Heine, Pelzeln, Hellmayr e todos os demais já citados acima, suporta-se em prováveis diferenças de uma coloração algo mais esverdeada ou amarronzada; em um pouco mais de branco em penas da coroa, as quais seriam pouco mais (ou pouco menos) alongadas; de intervalos grandemente sobrepostos de medidas; em duas ou três barras alares e em um novo caráter, quase sempre válido (porém jamais testado), de comparação entre tamanho de rêmiges...

Suportado apenas por esses detalhes sutis e frágeis é que Traylor (1982:12) supôs (a palavra é exatamente essa) que *E.chilensis* e *E.parvirostris* se intercruzassem em zonas de altitude intermediária através dos Andes, por meio das populações sedentárias da primeira e das migratórias da segunda: “*However, in recent collections from southern Bolivia, there are intergrades from intermediate altitudes along the Andes, suggesting that there may be a local zone of hybridization in this region. The representatives of E.albiceps involved in this hybridization are a sedentary population of chilensis which was previously unrecognized*”. A partir daí, com suposições envolvendo duas espécies muito semelhantes – por sua vez cada uma delas muito similar a mais um outro tanto de espécies que formam o gênero, inclusive com amplas áreas de simpatria – eis que aparece mais um problema, como de costume amparado por argumentação frágil e carregada de imensa criatividade.

A verdade é que, quase duas décadas depois, Rheindt *et al.* (2008) usando sequenciamento de DNA nuclear e mitocondrial chegaram a resultado diferente. Segundo esses autores, *E.parvirostris* formaria um clado com *E.flavogaster*, por sua vez afim do formado por *E.spectabilis* e *E.pelzelni* (o chamado “*lowland migratory clade*”) e, desta forma, muito distanciado

daquele em que estaria *E. albiceps*, essa última mais aproximada de *E. pallatangae* e algo distanciada de *E. mesoleuca* (considerada próxima de *E. chiriquensis*).

Aí, então – e inevitavelmente – entramos no contexto crítico a alguns métodos, tidos pelos pesquisadores mais ansiosos como verdadeiras panaceias para todos os problemas de entendimentos de parentesco e classificação. Mas até mesmo um completo ignorante nas técnicas mais modernas – como é o meu caso – está apto a contestar certas linhas de raciocínio. Afinal, como tentei demonstrar aqui, a identificação do material das amostras não é seguro e, dessa forma, como poderia ter fundamentado devidamente as análises? Erros de base? Como saber, se a própria base é frágil e mal fundamentada?

Por fim, cabe aqui um resgate de informação inédita, ocorrida há muitos anos e que ilustra magnificamente essa questão. Em 1986, durante o *Internationalis Congressus Ornithologicus* ocorrido em Ottawa (Canadá), Pedro Scherer Neto levou consigo, a meu pedido, um pequeno lote de exemplares de *Elaenia* depositados na coleção do MHNCI, para tentar uma identificação, entre os mais renomados especialistas em tirnideos daquela época (nominalmente Melvin A. Traylor-Jr., Wesley Lanyon e John Fitzpatrick). Eram aves procedentes do Paraná, de diversas localidades, de onde sabemos que são comuns as aqui tratadas *Elaenia* verdes. O resultado foi curioso. Segundo esses estudiosos, haviam ali *Elaenia pelzelni* (!), *E. chiriquensis* e *E. flavogaster* e nenhuma delas foi reconhecida como *E. parvirostris* ou *E. mesoleuca* (ambas conhecidas no Paraná, desde pelo menos 1871)...

Assim, não parece restar dúvida que não somente os brasileiros como o mundo todo estão praticando algo repetitivo e sem qualquer controle de qualidade. É esse o “incômodo consenso” que vivemos, replicando o que autores anteriores disseram, sem questioná-los e sem ir às fontes primárias. Infelizmente é essa a nossa sina. Até que alguém decida – de fato – arregaçar as mangas e resolver esse assunto de uma vez por todas.

As perguntas que não se calam...

Qualquer um perceberá, ao ler esse texto, que ele é de difícil leitura, assim como são – infelizmente – quase todos os textos sobre nomenclatura, geralmente decifrados apenas por abnegados que se dedicam especificamente ao assunto. Quero, entretanto, concluir essa minha contribuição com algo mais positivo para (quem sabe) estimular estudiosos a se dedicarem ao assunto, o qual está longe de ser solucionado.

Parece claro que nada será resolvido sem uma revisão completa de toda a literatura pertinente, descrições, obras catalográficas e, naturalmente, sem profundas reavaliações dos exemplares associados a esses estudos. Afinal de contas, o lastro morfológico (leia-se a forma e cor dos espécimes-tipo) é o único fundamento indiscutível da validade – e conseqüente uso – de um nome científico. De nada adiantará fazermos estudos com uso de métodos avançados se a dúvida mais básica ainda persiste. Saber que uma espécie canta de um jeito, habita um tipo de paisagem ou faz ninho usando certo tipo de material e, outra, o faz de maneiras distintas é muito útil, mas insuficiente e apenas protela o cobiçado diagnóstico definitivo.

Com isso, à guisa de conclusão, apresento algumas perguntas que poderiam ser formuladas servindo como desafios futuros:

- Há, de fato, duas *Elaenia* verdes tratadas como *E. mesoleuca* e *E. parvirostris* segundo o consenso atual? Alguma chance de ser apenas uma ou, quem sabe, três ou mais?
- O exemplar-tipo de *Muscicapa mesoleuca*, coletado por Sellow no Uruguai, condiz – em forma e cor – com aquilo que chamamos de *Elaenia mesoleuca*?
- Os exemplares da série-tipo de *Elaenia parvirostris* de Pelzeln, coletador por Natterer em Curitiba, Borba e Barcelos condizem – em forma e cor – com aquilo que chamamos de *Elaenia parvirostris*?
- Quais as diferenças de forma e cor entre *E. mesoleuca* e *E. parvirostris*, com base nas respostas acima? Nesse caso, é possível identificá-las com base em tais elementos diagnósticos apenas visualmente, à distância ou com o pássaro vivo em mãos?
- A identificação de ambas, em coleções de museus e acervos de fotos condizem com a realidade acima?
- Como é o repertório vocal das “duas” espécies, devidamente amparado por suas diferenças morfológicas?
- As vocalizações apresentam características suficientemente claras para identificações de campo precisas, com base apenas nesse critério?
- Qual a distribuição geográfica das espécies e, por extensão, como funcionam seus ciclos de migração?

Agradecimentos

Sou grato a uma infinidade de pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram a produzir esse texto, de forma que seria absolutamente impossível mencionar todos. Quero fazer menção a alguns colegas que participaram discutindo minhas ideias, apontando sugestões, prestando-me informações valiosas ou mesmo autorizando-me a consulta às coleções que se encontravam sob seus cuidados. São eles José Fernando Pacheco (CBRO, Rio de Janeiro), Mario Cohn-Haft (INPA, Manaus), Alberto Urben-Filho, Leonardo R. Deconto, Marcelo A.V. Vallejos, Tony A. T. Bichinski (Hori Consultoria Ambiental), Dante M. Teixeira, Jorge B. Nacinovic e Marcos Raposo (Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro), Hélio Ferraz de Almeida Camargo, Luis Fábio Silveira, Vítor de Q. Piacentini e Dione Seripierri (Museu de Zoologia, USP, São Paulo), Pedro Scherer-Neto (Museu de História Natural Capão da Imbuia, PMC, Curitiba), Fernando da Costa Novaes, José Maria Cardoso da Silva, David C. Oren e Alexandre Aleixo (Museu Paraense Emilio Goeldi, UFPA-CNPq, Belém), Livia Lins e Marcelo F. de Vasconcelos (Museu de Zoologia, UFMG, Belo Horizonte), Marcelo Bagno, Miguel Marini e Roberto B. Cavalcanti (Coleção Marcelo A. Bagno, UnB, Brasília), José Hidasi (Museu Ornitológico, PMG, Goiânia), Severino M. de Azevedo-Júnior (Coleção Ornitológica, UFPE, Pernambuco), bem como Emílio Dente, Helmut Sick, William Belton, Jacques Vielliard, Augusto Ruschi, Flávio Silva, Lenir A. do Rosário, Walter A. Voss, Wesley E. Lanyon, Melvin A. Traylor-Jr., Charles Sibley, John Fitzpatrick, Raymond Paynter-Jr.,

Juan Carlos Chebez, Juan Mazar Barnett, Martha Argel, Mary McKritrick e David Snow pela remessa de material bibliográfico e constantes discussões por carta, mantidas nos anos 80 e 90. Philipp Stumpe e Hans Jacobs colaboraram com algumas traduções e Sergio Gregorio cedeu gentilmente a imagem de *Elaenia* [...sp.] que ilustra este artigo.

Referências bibliográficas

- Ahrens, T.G. (1925) The ornithological collections of the Berlin Museum. *Auk* 42(2):241-245.
- AOU (1931) **Check-list of North American birds**. 3ª edição. Lancaster, American Ornithologists' Union.
- Banks, R.C. & M.R. Browning (1995) Comments on the status of revived old names for some north american birds. *Auk* 112(3):633-648.
- Belton, W. (1985) Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. Part 2: Formicariidae through Corvidae. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 180:1-242.
- Cabanis, J.L. (1851) **Museum Heineanum: Verzeichniss der ornithologischen Sammlung des Oberamtmann Ferdinand Heine auf Gut St. Burchard vor Halberstadt. Mit kritischen Anmerkungen und Beschreibung der neuen Arten, systematisch bearbeitet von Dr. Jean Cabanis, erstem Kustos der Königlichen zoologischen Sammlung zu Berlin**. II. Theil, die Schreivögel enthaltend. Berlin: R. Franz.
- Cabanis, J. & F. Heine (1859-1860) **Museum Heineanum: Verzeichniss der ornithologischen Sammlung**. II. Theil, die Schreivögel enthaltend. Halberstadt: R. Franz.
- Camargo, H. F. de A. (1986) Contribuição ao estudo das espécies brasileiras do gênero *Elaenia* (Aves, Tyrannidae). *Boletim do Centro de Estudos Ornitológicos* 2:6-19.
- CBRO (2011) **Listas das aves do Brasil**. 10ª edição. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2013.
- Deppe, W. (1830) [1863] Preis-Verzeichniss der Säugethiere, Vögel, Amphibien, Fische und Krebse, welche von den Herren Deppe und Schiede in Mexico gesammelt worden, und bei dem unterzeichneten Bevollmächtigten in Berlin gegen baare Zahlung in Preuss. Courant zu erhalten sind [ou Lichtenstein's Preis-Verzeichniss mexicanischer Vögel etc. vom Jahre 1830]. *Journal für Ornithologie* 11(61):54-60.
- Develey, P. & E. Endrigo (2004) **Guia de campo: aves da Grande São Paulo**. São Paulo: Aves e Fotos Editora.
- Dunning, J. S. (1982) **South American land birds: a photographic aid to identification**. Pennsylvania: Harrowood Books.
- Dunning, J. S. (1987) **South American birds: a photographic aid to identification**. Pennsylvania: Harrowood Books.
- Gwynne, J. A., R.S. Ridgely, G. Tudor & M. Argel (2011) **Aves do Brasil: Pantanal & Cerrado**. São Paulo: Editora Horizonte.
- Hellmayr, C.E. (1927) **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Tyrannidae. Zoological series, vol. 13, part 5. Publication FMNH n° 244. Chicago: Field Museum of Natural History.
- Kawamoto, A.H.N., D.A.P. Mancini, L.E. Pereira, A.M. Cianciarullo, A.S. Cruz, A.L.F. Dias, R.M.Z. Mendonça, J.R. Pinto & E.K. Durigon (2005) Investigation of influenza in migrating birds, the primordial reservoir and transmitter of influenza in Brazil. *Brazilian Journal of Microbiology* 36(1):88-93.
- Lanyon, W.E. (1988) A phylogeny of the thirty-two genera in the *Elaenia* assemblage of Tyrant Flycatchers. *American Museum Novitates* 2914:1-57.
- Macarrão, A. (2012) A memória na ornitologia: desafios na identificação de espécies. *Atualidades Ornitológicas* 166:22-25.
- Meyer-de-Schauensee, R. (1982) **A guide to the birds of South America**. Filadélfia: Academy of Natural Sciences.
- Narosky, T. & D. Yzurieta (1987) **Guía para la identificación de las aves de Argentina y Uruguay**. Buenos Aires: Vazquez Mazzini Editores.
- Navarro-Sigüenza, A.G., R. Ortiz-Pulido & A.T. Peterson (2008) Um panorama breve de la historia de la Ornitología Mexicana. *Ornitología Neotropical* 19(supl.):367-379.
- Pacheco, J.F. & B.M. Whitney (2001a) Um tributo ao naturalista Friedrich Sellow (1789-1831). p.33-41. In: Straube, F.C. (ed.). **Ornitologia sem fronteiras**, incluindo os resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia. Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza.
- Pacheco, J.F. & B.M. Whitney (2001b) Um tributo ao naturalista Friedrich Sellow (1789-1831). *Atualidades Ornitológicas* 100:6-7.
- Pelzeln, A. von. (1868-1870) [1871] **Zur Ornithologie brasiliens: Resultate von Johann Natterers reisen in den Jahren 1817 bis 1835**. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn.
- Peña, M. de la & M. Rumboll (1998) **Birds of southern South America and Antarctica**. Princeton: University Press.
- Perlo, B. van (2009) **A field guide to the birds of Brazil**. Oxford, University Press.
- Pinto, O.M. de O. (1944) **Catalogo das Aves do Brasil e lista dos exemplares na coleção do Departamento de Zoologia: 2ª parte, Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres**. São Paulo, Departamento de Zoologia.
- Pinto, O.M. de O. (1979) **A Ornitologia no Brasil através das idades (século XVI a século XIX)**. Coleção Brasiliensa Documenta vol.13. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais.
- Pivatto, M.A.C. & G. Bernardon (2012) **Guia fotográfico: aves do Pantanal**. São Paulo: Aves e Fotos Editora.
- Rego, M. A., L. Moreira-Lima, L. F. Silveira & S. Frahnert (2013) **On the ornithological collection of Friedrich Sellow in Brazil (1814-1831)**, with some considerations about the provenance of his specimens. *Zootaxa* 3616(5):478-484.
- Rheindt, F.E., L. Christidis & J.A. Norman (2008) Habitat shifts in the evolutionary history of a Neotropical flycatcher lineage from forest and open landscapes. *BMC Evolutionary Biology* 8(193):1-18. Disponível em <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2467406/>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2013.
- Ridgely, R. & G. Tudor (1994) **The birds of South America**, v.2 the Suboscine passerines. Austin: University of Texas Press.
- Ridgway, R. (1907) The birds of North and Middle America: a descriptive catalogue of the higher groups, genera, species, and subspecies of birds known to occur in North America, from the Arctic lands to the isthmus of Panama, the West Indies and other islands of the Caribbean Sea, and the Galapagos Archipelago. Part IV. *Bulletin of the United States National Museum* 50(4):1-973.
- Rossem, A. J. van (1934a) notes on some types of north american birds. *Transactions of the San Diego Society of Natural History* 7(30):347-362.
- Rossem, A. J. van (1934b) Critical notes on middle american birds. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology* 77:385-490.
- Salvin, O. & F. du C. Godman (1889) **Biologia Centrali-Americana**. Aves: Volume II (text). Londres: Taylor and Francis.
- Sclater, P.L. (1859) Descriptions of new species of the American family Tyrannidae. *Proceedings of the Zoological Society of London* 1859:40-46.
- Sclater, P.L. (1888) **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XIV: Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Oligomyodae, or the families Tyrannidae, Oxyrhamphidae, Pipridae, Cotingidae, Phytotomidae, Philepittidae, Pittidae, Xenicidae, and Eurylaemidae**. Londres: British Museum (Natural History).
- Sibley, C. & B.L. Monroe Jr. (1990) **Distribution and taxonomy of birds of the world**. New Haven: Yale University Press.
- Sick, H. (1997) **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Sick, H., L.A. do Rosário & T.R. de Azevedo (1981) Aves do Estado de Santa Catarina: lista sistemática baseada em bibliografia, material de museu e observação de campo. *Sellowia* (série Zoologia) 1:1-51.
- Sigrist, T. (2007) **Guia de campo: aves do Brasil oriental**. São Paulo: Avis Brasilis.
- Souza, D. (1998) **Todas as aves do Brasil: guia de campo para identificação**. Feira de Santana: Dall.
- Straube, F.C. (2012) **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 1 (1820-1834)**. Hori Cadernos Técnicos n°5. Curitiba: Hori Consultoria Ambiental.
- Stresemann, E. (1954) Ferdinand Deppe's travels in Mexico, 1824-1829. *Condor* 56:86-92.
- Traylor Jr., M.A. (1977) A classification of the tyrant flycatchers (Tyrannidae). *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology* 148: 128-184.
- Traylor-Jr. M. (1979) Subfamily Elaeniinae. p. 3-111. In: M. Traylor-Jr. (ed) **Checklist of the birds of the world: a continuation of the work of James L. Peters**. Volume VIII. Cambridge: Museum of Comparative Zoology.
- Traylor Jr., M.A. (1982) Notes on tyrant flycatchers (Aves: Tyrannidae). *Fieldiana Zoology* (New Series) 13:1-22.
- Zimmer, J.T. (1941) Studies of peruvian birds, n° XXXVI: the genera *Elaenia* and *Myiopagis*. *American Museum Novitates* 1108:1-23.

1 Hori Consultoria Ambiental. Rua Cel. Temístocles de Souza Brasil, 311. Jardim Social. Curitiba, PR. 82.520-210. Email: fernando@hori.bio.br